

**TERRITÓRIOS
SEM FRONTEIRA**

18 jul — 30 dez 2026

**XXIV Bienal Internacional
de Arte de Cerveira**

XXIV Cerveira International Art Biennial

18 jul \ **30 dec**
2026

**XXIV
Bienal
Internacional
de Arte
de Cerveira**

18 jul \ **30 dez
2026**



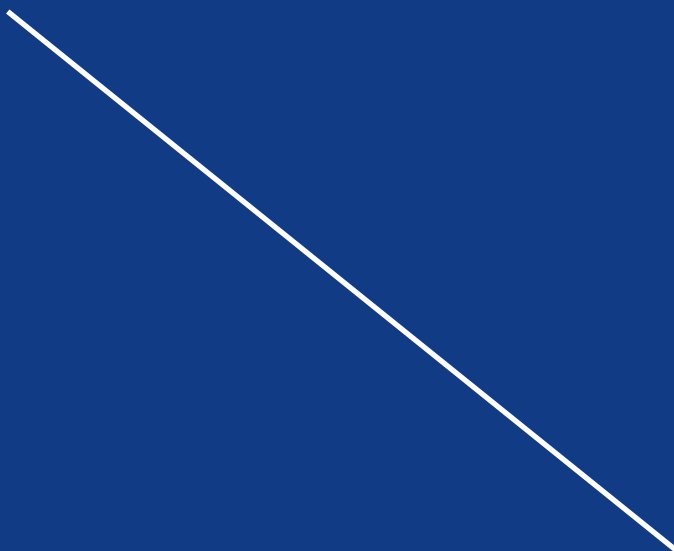
18 jul

30 dec

**Homenagem a / tribute to
Silvestre Pestana**

Curadoria / Curated by
João Ribas
Mafalda Santos

Luso Lunar



EXPOSIÇÃO EXHIBITION

GALERIAS GALERIES JOÃO LEMOS
COSTA E AND GERMANO CANTINHO
MUSEU BIENAL DE CERVEIRA
CERVEIRA BIENNIAL MUSEUM

Silvestre Pestana – Luso Lunar

A exposição *LUSO LUNAR* propõe uma leitura antológica, crítica e transversal da obra de Silvestre Pestana (n. 1949), uma das figuras mais radicais, premonitórias e independentes da arte contemporânea portuguesa. Ao revisitar mais de essa década de criação artística, a mostra assume uma dupla missão: mapear o percurso de um criador que se afirmou na vanguarda da poesia experimental, da performance e dos novos media, e celebrar a sua relação profunda com a Bienal Internacional de Arte de Cerveira (BIAC), que acompanhou de forma contínua ao longo das vinte edições em que participou.

Como escreve o filósofo José Gil, toda a obra de arte cria um presente. “Não exprime um tempo presente, o tempo da iminência, porque o tempo não é um, mas plural; no presente misturam-se estratos do passado e do futuro completamente diferentes e heterogêneos.” É precisamente a partir desta premissa que se recupera o título da histórica instalação-performance *Luso Padrão Lunar* (1987/88), apresentada originalmente na VII Bienal de Cerveira. Criada no contexto imediato da integração, em 1986, de Portugal na União Europeia, momento histórico que redefiniu as noções de fronteira e o posicionamento do país no espaço europeu, a peça propõe metaforicamente a instalação de um padrão português na lua. Composta por caixas de alumínio ionizado e linhas de argón azul, esta obra funciona como uma chave de leitura para todo o percurso do artista, antecipando reflexões cruciais sobre mobilidade, identidade e pertença num mundo em profunda transformação geográfica e tecnológica. Nela convergem a linguagem tecnológica, a dimensão poética e a inquietação política que atravessam a sua produção. Mais do que um exercício retrospectivo, *LUSO LUNAR* organiza-se como um campo de relações entre obras, documentos, vídeos, instalações e dispositivos tecnológicos que revelam uma constante ao longo do tempo: a arte de Pestana nunca foi apenas um reflexo da sua época, mas uma forma de antecipar futuros possíveis.

Para compreender a génese desta radicalidade é necessário regressar aos anos

que antecedem a Revolução de Abril. Natural da Madeira, Silvestre Pestana despertou cedo para as problemáticas da linguagem através do contacto com o historiador, poeta e experimentalista António Aragão, figura central da poesia concreta e visual portuguesa. A entrada na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa coincidiu com os últimos anos da ditadura e com a ameaça iminente da mobilização para a Guerra Colonial. Depois de uma ação performativa que perturbou a normalidade disciplinar da escola, o seu nome entrou nos circuitos de vigilância militar. No final de 1968, antes que a guerra o reclamasse, partiu para o exílio. Paris foi a primeira paragem. Acolhido por Luíza Neto Jorge, integrou a comunidade de artistas e intelectuais portugueses exilados, cruzando-se com nomes como Lourdes Castro e René Bertholo. Pouco depois, seguiria para Estocolmo, cidade que se tornaria decisiva na sua formação. Foi ali que iniciou os estudos de Televisão e Música Eletrónica, descobrindo os novos meios tecnológicos que viriam a marcar profundamente a sua obra.

Quando regressou a Lisboa após o 25 de Abril de 1974, encontrou uma cidade transformada numa superfície de escrita coletiva, com as paredes repletas da palavra “Povo”. Dessa experiência nasceu *O Povo Novo* (1974), série fundamental onde texto e imagem se fundem através da figura do ovo, símbolo simultâneo de nascimento, potencialidade e crise. A palavra deixa assim de ser apenas um elemento de leitura para se tornar matéria visual e política.

No ano seguinte, numa breve passagem por Londres, em 1975, co-fundou o grupo de teatro *Ânima* e frequentou o *London Poetry Centre*, ambas experiências determinantes. A partir desse momento, Pestana desloca definitivamente o poema da página para o espaço. O texto torna-se ação, presença e corpo. Para que a palavra ocupasse o mundo, o artista compreendeu que teria de implicar a sua própria corporalidade. Obras como *Mater Pater* (1976) marcam esse momento de transição, utilizando o corpo nu não como autorretrato, mas como território simbólico e performativo onde identidade, linguagem e condição humana se tornam indissociáveis.

Ao longo da década de 1980, a investigação artística de Pestana desenrolou-se em proximidade com a emergência dos novos meios eletrónicos e informáticos. Em vez de encarar a tecnologia como ferramenta neutra, o artista procura compreender as suas implicações sociais, poéticas e políticas. A série *Bio-Virtual* (1981–1987) nasce precisamente dessa inquietação. Empunhando tubos fluorescentes e estruturas luminosas, Pestana escreve no escuro. O corpo transforma-se em interface; a luz torna-se linguagem. Entre referências à sinalética náutica, aos hexagramas do I *Ching* e às primeiras culturas digitais, estas obras ensaiam uma aproximação inédita entre organismo e máquina.

A exposição recupera este momento através de registos fundamentais como *Light Pen*, *Poema Acção* (1984), vídeo da performance realizada na praça central de Vila Nova de Cerveira durante a IV BIAC. Acompanhado pela improvisação musical de José Oliveira e pelo registo de Alexandre Azinheira, o artista desenha sinais luminosos na noite, transformando o espaço urbano numa superfície temporária de escrita. Surge igualmente *UNI VER SÓ* (1985), vídeo-poema onde a solidão humana se confronta com a escala infinita do cosmos. Deste mesmo período destacam-se ainda os pioneiros *Computer Poems* (1981–1983), apresentados nos seus monitores originais ZX81 e Spectrum. Dedicados a figuras como Henri Chopin e Julian Beck, estes trabalhos introduzem uma ideia que hoje nos parece familiar: o poema não como objeto final, mas como processo. Ao publicar o próprio código informático, Pestana permitia que qualquer utilizador gerasse a obra em tempo real, antecipando práticas colaborativas e princípios que mais tarde seriam associados à cultura digital e ao universo *open source*.

Ao longo de praticamente todo o seu percurso, a relação de Silvestre Pestana com Vila Nova de Cerveira ultrapassou largamente o âmbito da mera participação artística. O seu envolvimento reflete-se na sua participação na Associação Projecto, a associação de artistas em Vila Nova de Cerveira dirigida por Henrique Silva, criada em 1994 para gerir as Bienais de Cer-

veira e responsável pela organização de cinco das suas edições. Em paralelo, ao longo das décadas, a vila tornou-se um território recorrente de experimentação, encontro e construção de comunidade. Cerveira surge na sua obra como espaço de circulação e de contacto, uma verdadeira fronteira porosa onde se cruzam geografias, linguagens e gerações. Esta ligação manifesta-se de forma particularmente evidente em obras integradas na coleção do Museu Bienal de Cerveira e no espaço público da vila. Em *Águas Vivas* (2003), distinguida com o Grande Prémio da XII Bienal, a luz azul multiplica-se através de superfícies refletoras, transformando o espaço numa paisagem líquida que evoca simultaneamente o universo marítimo da Madeira e a memória mítica das vagas de Machim. A esta obra junta-se *Rio: Água e Sangue* (2003), escultura luminosa originalmente concebida para emergir de um lago no centro da vila, que se encontra agora instalada em frente ao Museu Bienal de Cerveira.

Restaurada para esta exposição, a peça regressa ao espaço público reativando a memória das intervenções urbanas promovidas pela Bienal ao longo da sua história. O percurso prolonga-se também com *Projeto Outdoor* (2005–presente), projeto visionário através do qual Pestana procurou transformar suportes habitualmente reservados à comunicação publicitária em plataformas de criação artística. Ao estabelecer pontes entre o espaço urbano e ambientes virtuais como o *Second Life*, o artista antecipou muitas das questões relacionadas com a circulação de informação, espaço público e cultura digital que hoje ocupam o debate contemporâneo.

Se a produção inicial de Pestana confrontava diretamente a violência da ditadura, da guerra e do exílio, os trabalhos mais recentes dirigem o olhar para formas de poder mais difusas: a vigilância tecnológica, a virtualização da experiência e a progressiva desmaterialização do corpo. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos, nunca respondeu a estas transformações com nostalgia. Preferiu habitá-las criticamente, explorando os seus riscos, ambiguidades e potencialidades. As instalações multimédia *Sufoco*

II (Estufa) (2014) e *Sufoco Virtual* (2014–2016) materializam esta inquietação ao estabelecer uma relação especular entre o espaço físico da galeria e o ambiente virtual do *Second Life*. Entre ecrãs, estruturas luminosas e autorretratos rasurados, o artista investiga a sobrevivência da identidade num mundo mediado por interfaces digitais. Na mesma linha, *Drones* (2012) transforma helicópteros telecomandados em protagonistas de uma coreografia inquietante, evocando a guerra remota, a vigilância permanente e a naturalização contemporânea da violência tecnológica.

É sob a urgência deste presente condicionado que o percurso encerra com obras recentes como *Terras Raras* (2023), *Tankar I Lissabon, Abril 1974–2024*. Nelas, a palavra regressa sob a forma de luz, movimento e suspensão, mas já não procura a harmonia da página ou a utopia do espaço; afirma-se antes como eletricidade incandescente, matéria viva e instável, atravessada pelo espectro da memória histórica e pela fratura da crítica social. Mais de cinquenta anos após os seus primeiros poemas experimentais, Silvestre Pestana recusa a pacificação histórica ou o conforto do arquivo. A sua obra não é um monumento ao que passou, mas um dispositivo de alarme. Ao confrontar o esvaziamento do corpo e a crescente automatização da experiência humana, Pestana mantém intacta a sua postura dissidente, recordando-nos que a arte não existe para confirmar o presente, mas para abrir espaço ao inesperado e à imaginação de outros futuros.

constante ao longo do tempo: a arte de Pestana nunca foi apenas um reflexo da sua época, mas uma forma de antecipar futuros possíveis.

Silvestre Pestana – Luso Lunar

The exhibition **LUSO LUNAR** proposes an anthological, critical and cross-sectional reading of the work of Silvestre Pestana (b. 1949), one of the most radical, prescient and independent figures in contemporary Portuguese art.

By revisiting more than five decades of artistic production, the exhibition takes on a dual mission: to map the trajectory of an artist who established himself at the forefront of experimental poetry, performance and new media, and to celebrate his profound relationship with the Cerveira International Art Biennial (BIAC), which he has followed continuously across the twenty editions in which he has participated.

As the philosopher José Gil writes, every work of art creates a present. “It does not express a present time, the time of immanence, because time is not one but plural; in the present, strata of past and future that are completely different and heterogeneous are interwoven.” It is precisely from this premise that the title of the historic installation-performance **Luso Pa-drão Lunar** (1987/88), originally presented at the VII Cerveira Biennial, is revisited. Created in the immediate context of Portugal’s accession to the European Union in 1986, a historical moment that redefined notions of borders and the country’s position within Europe, the work metaphorically proposes the installation of a Portuguese standard on the Moon. Composed of ionised aluminium boxes and blue argon lines, this piece functions as a key reading for the artist’s entire trajectory, anticipating crucial reflections on mobility, identity and belonging in a world undergoing profound geographical and technological transformation. In it, technological language, poetic dimension and political inquietude converge throughout his practice. Rather than a retrospective exercise, **LUSO LUNAR** is structured as a field of relations between works, documents, videos, installations and technological devices that reveal a constant over time: Pestana’s art has never been merely a reflection of its time, but a way of anticipating possible futures.

To understand the origins of this radicalism, it is necessary to return to the years preceding the April Revolution. Born in Madeira, Silvestre Pestana became aware early on of questions of language through his contact with the historian, poet and experimentalist António Aragão, a central figure in Portuguese concrete and visual poetry. His entry into the Lisbon School of Fine Arts coincided with the final years of the dictatorship and the imminent threat of conscription into the Colonial War. Following a performative action that disrupted the school’s disciplinary order, his name entered military surveillance records. At the end of 1968, before the war could claim him, he went into exile. Paris was his first stop. Hosted by Luíza Neto Jorge, he joined a community of exiled Portuguese artists and intellectuals, crossing paths with figures such as Lourdes Castro and René Bertholo. Shortly afterwards, he moved to Stockholm, a city that would become decisive in his artistic formation. There, he began studies in Television and Electronic Music, discovering the new technological media that would profoundly shape his work.

When he returned to Lisbon after the 25 April 1974 Revolution, he found a city transformed into a collective writing surface, with its walls covered in the word “People”. From this experience emerged *O Povo Novo* (1974), a seminal series in which text and image merge through the figure of the egg, a symbol of birth, potential and crisis. In this way, the word ceases to be merely an element of reading and becomes a visual and political material. The following year, during a brief stay in London in 1975, he co-founded the theatre group *Ânima* and attended the London Poetry Centre, both decisive experiences. From that moment on, Pestana definitively shifted poetry from the page into space. Text becomes action, presence and body. In order for the word to occupy the world, the artist understood that it had to involve his own corporeality. Works such as *Mater Pater* (1976) mark this moment of transition, using the nude body not as self-portrait, but as a symbolic and performative territory in which identity, language and the human condition become inseparable.

Throughout the 1980s, Pestana's artistic research unfolded in close proximity to the emergence of new electronic and digital media. Rather than treating technology as a neutral tool, the artist sought to understand its social, poetic and political implications. The series *Bio-Virtual* (1981–1987) arises precisely from this sense of inquiry. Holding fluorescent tubes and luminous structures, Pestana writes in the dark. The body becomes an interface; light becomes language. Drawing on references to nautical signalling, the hexagrams of the *I Ching* and early digital cultures, these works explore an unprecedented convergence between organism and machine.

The exhibition revisits this period through key records such as *Light Pen*, *Poema Acção* (1984), a video of the performance presented in the central square of Vila Nova de Cerveira during the IV BIAC. Accompanied by an improvisation by José Oliveira and recorded by Alexandre Azinheira, the artist draws luminous signs in the night, transforming the urban space into a temporary writing surface. Also featured is *UNI VER SÓ* (1985), a video-poem in which human solitude is confronted with the infinite scale of the cosmos. From the same period, the pioneering *Computer Poems* (1981–1983) are highlighted, presented on their original ZX81 and Spectrum monitors. Dedicated to figures such as Henri Chopin and Julian Beck, these works introduce an idea that now feels familiar: the poem not as a final object, but as a process. By publishing the source code itself, Pestana enabled any user to generate the work in real time, anticipating collaborative practices and principles later associated with digital culture and open-source systems.

Throughout almost his entire career, Silvestre Pestana's relationship with Vila Nova de Cerveira has extended far beyond the scope of mere artistic participation. His involvement is reflected in his participation in the Associação Projecto, the artists' association in Vila Nova de Cerveira directed by Henrique Silva, created in 1994 to manage the Cerveira Biennials and responsible for organising five of its editions. In parallel, over the decades, the town has become a recurring ter-

ritory of experimentation, encounter and community-building. Cerveira appears in his work as a space of circulation and contact, a truly porous border where geographies, languages and generations intersect. This connection is particularly evident in works included in the collection of the Cerveira Biennial Museum and in the town's public space. In *Águas Vivas* (2003), awarded the Grand Prize of the XII Cerveira International Art Biennial, blue light is multiplied through reflective surfaces, transforming the space into a liquid landscape that evokes both the maritime universe of Madeira and the mythical memory of the waves of Machim. This work is joined by *Rio: Água e Sangue* (2003), a luminous sculpture originally conceived to emerge from a lake in the centre of the town, now installed in front of the Cerveira Biennial Museum.

Restored for this exhibition, the work returns to the public space, reactivating the memory of the urban interventions promoted by the Biennial throughout its history. The journey also continues with *Projeto Outdoor* (2005–present), a visionary project through which Pestana sought to transform supports typically reserved for advertising into platforms for artistic creation. By building bridges between urban space and virtual environments such as Second Life, the artist anticipated many of the questions surrounding the circulation of information, public space and digital culture that are central to contemporary debate.

If Pestana's early work directly confronted the violence of dictatorship, war and exile, his more recent works turn their gaze towards more diffuse forms of power: technological surveillance, the virtualisation of experience and the progressive dematerialisation of the body. Unlike many of his contemporaries, he has never responded to these transformations with nostalgia. Instead, he has chosen to inhabit them critically, exploring their risks, ambiguities and potentialities. The multimedia installations *Sufoco II (Estufa)* (2014) and *Sufoco Virtual* (2014–2016) materialise this concern by establishing a mirror-like relationship between the physical space of the gallery and the virtual environment of Second Life. Through

screens, luminous structures and erased self-portraits, the artist investigates the survival of identity in a world mediated by digital interfaces. In the same line of inquiry, *Drones* (2012) transforms remote-controlled helicopters into the protagonists of an unsettling choreography, evoking remote warfare, permanent surveillance and the contemporary normalisation of technological violence.

It is under the urgency of this conditioned present that the journey concludes with recent works such as *Terras Raras* (2023), *Tankar I Lissabon, Abril 1974–2024*. In these works, the word returns in the form of light, movement and suspension, but no longer seeks the harmony of the page or the utopia of space; instead, it asserts itself as incandescent electricity, as living and unstable matter, traversed by the spectre of historical memory and the fractures of social critique. More than fifty years after his first experimental poems, Silvestre Pestana refuses historical pacification or the comfort of the archive. His work is not a monument to what has passed, but an alarm system. By confronting the emptying of the body and the increasing automation of human experience, Pestana maintains an unchanged dissident stance, reminding us that art does not exist to confirm the present, but to open space for the unexpected and for the imagination of other futures.

technological devices that reveal a constant over time: Pestana's art has never been merely a reflection of its time, but a way of anticipating possible futures.





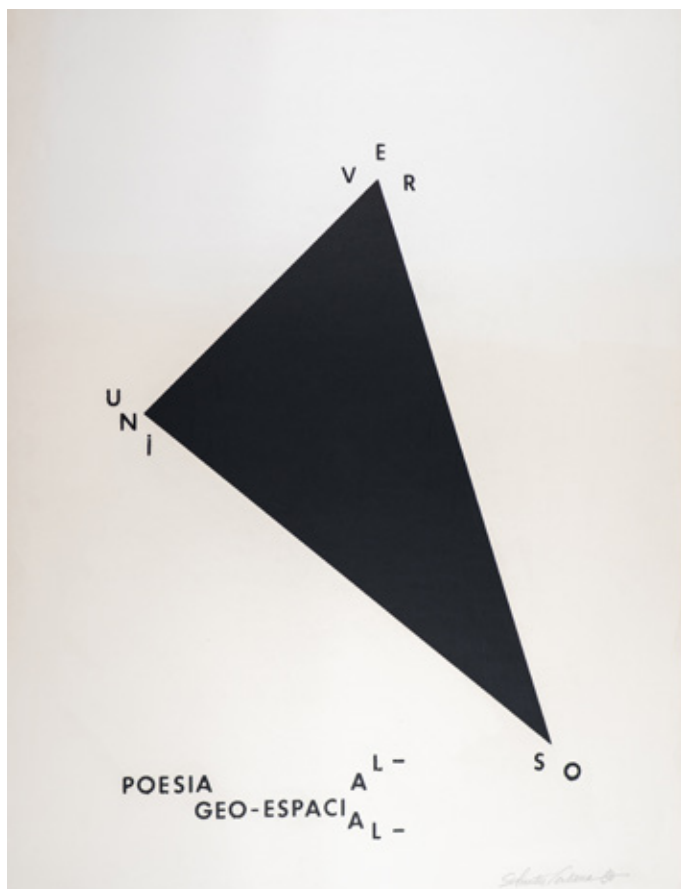
ÁGUAS VIVAS, 2003

Instalação em néon / Neon installation

**Grande Prémio da XII Bienal
Internacional de Arte de Cerveira**

/ Grand Prize of the XII Cerveira
International Art Biennial

Coleção Museu Bienal de Cerveira /
Cerveira Biennial Museum Collection



UNI-VER-SO, POESIA
GEO-ESPAÇO, 1980

Serigrafia sobre papel

/ Silkscreen on paper

69,5 x 49,5 cm

Coleção Galeria Alvarez / Galeria
Alvarez Collection

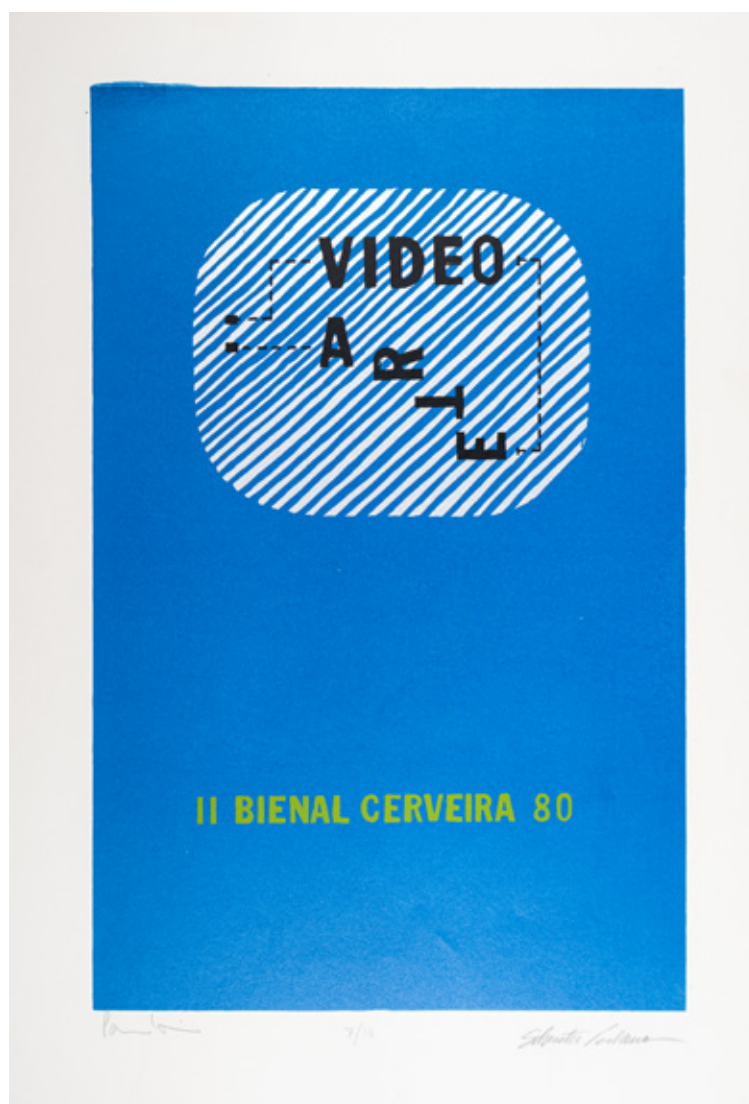


UNI_VER_SÓ, 2019

Intervenção gráfica em capa e encarte
destacável da revista O Tripeiro, a
convite de Francisco Laranjo.

/ Graphic intervention on the cover
and detachable insert of O Tripeiro
magazine, by invitation of Francisco
Laranjo.

29,7 x 21 cm (fechado / closed)



**VIDEO ARTE – II BIENAL
CERVEIRA 80, 1980**

Serigrafia sobre papel

/ Silkscreen on paper

51 x 34,5 cm

Exemplar 7/16 / Edition 7/16

**Coleção Galeria Alvarez / Galeria
Alvarez Collection**



**HOMENAGEM A MISHIMA – A
COMPUTER DIGITAL IMAGE, 1986**

Serigrafia sobre papel

/ Silkscreen on paper

54 x 45 cm

**Edição de 60 exemplares / Edition of
60 copies**

**Coleção Galeria Alvarez / Galeria
Alvarez Collection**

LIGHT PEN, POEMA ACÇÃO, 1984

Vídeo, PAL, cor, som / Video, PAL, colour, sound

4:3, 7'52"

Registo da performance "Light Pen, Poema Acção" no Terreiro de Vila Nova de Cerveira

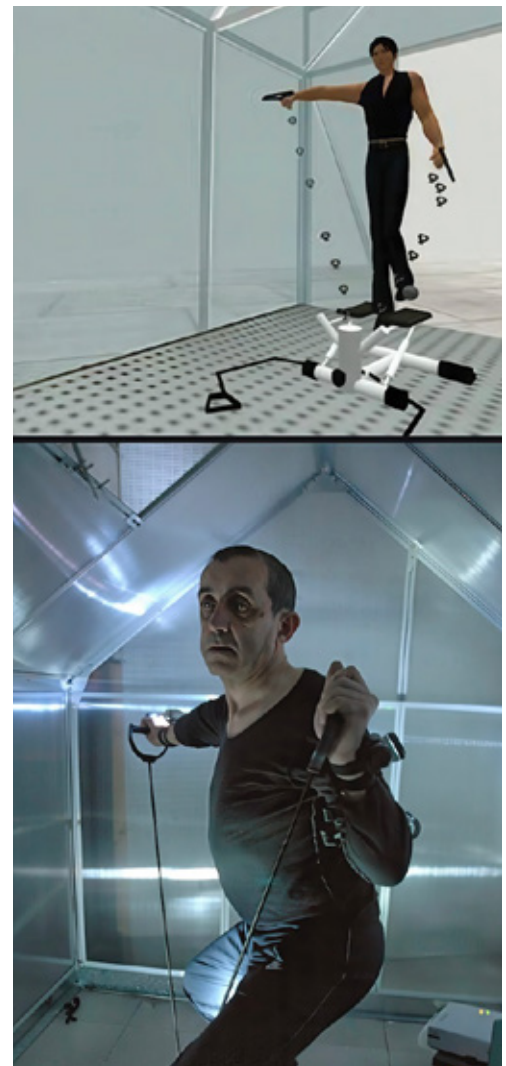
IV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira_1984.

Música ao vivo de José Oliveira

Registo câmara: Alexandre Azinheira

/ Documentation of the performance *Light Pen, Action Poem* at Terreiro de Vila Nova de Cerveira, during the IV Cerveira Interantional Art Biennial, 1984. Live music by José Oliveira.

Camera recording: Alexandre Azinheira.

**ACÇÃO : FÉNIX 2.0, 2010**

Instalação multimédia com drone, vídeo, ambiente virtual (Second Life), estruturas de estufa W606 e elementos tecnológicos / Multimedia installation with drone, video, virtual environment (Second Life), W606 greenhouse structures and technological elements

Dimensão variável / Variable Dimensions

COMPUTER POEM PARA ZX81
DEDICADO A HENRI CHOPIN, 1981

Vídeo, p/b, sem som, 4:3, 4'51"; código aberto (OSS) / Video, b/w, silent, 4:3, 4'51"; open-source software (OSS)



TERRAS RARAS, 2023

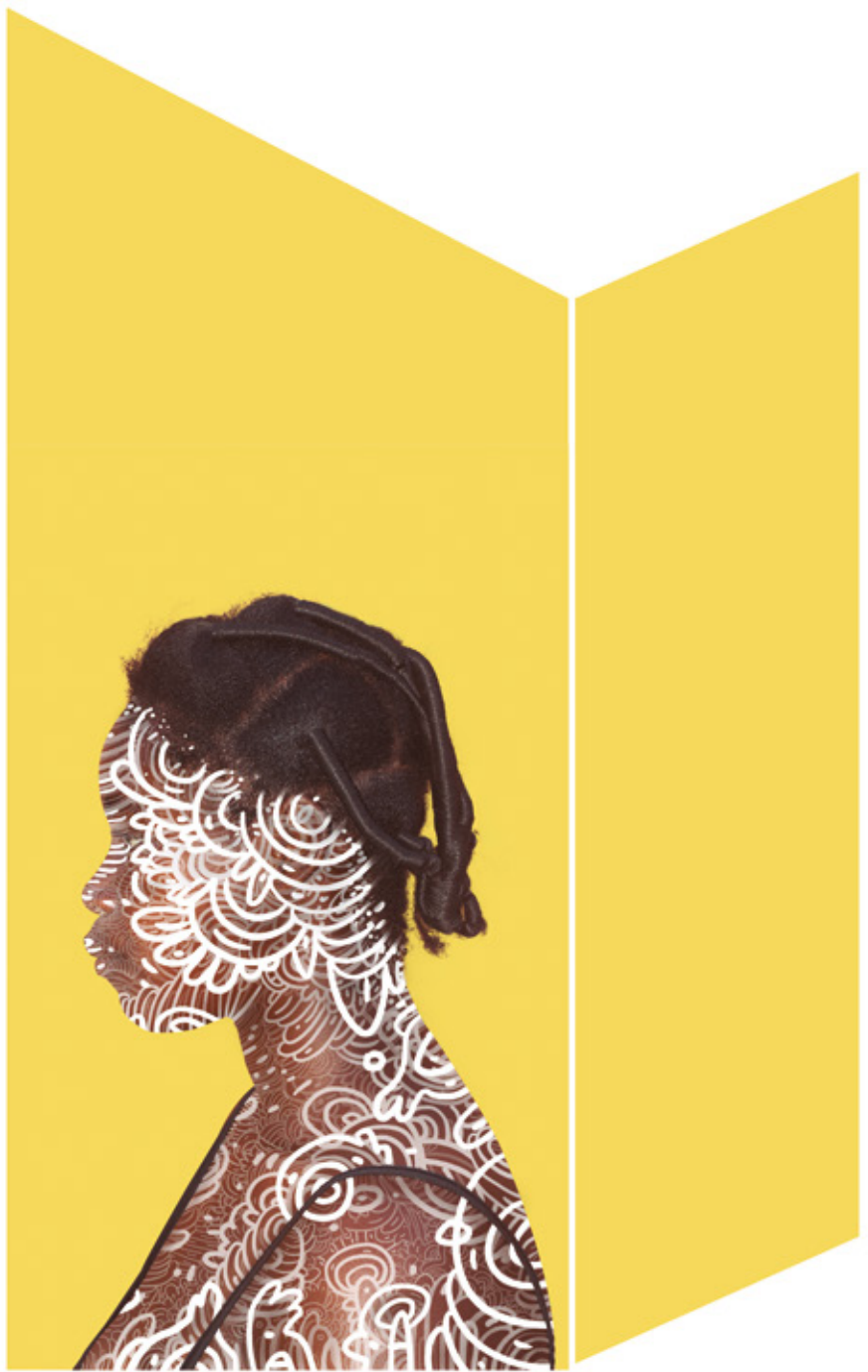
Poema expandido apresentado em 7 Led Display. / Expanded poem presented on 7 LED displays.

Dimensão variável / Variable dimensions

Dedicado ao poeta brasileiro Omar Khouri, estudioso da Poética do Pós-Verso. / Dedicated to the Brazilian poet Omar Khouri, scholar of Post-Verse Poetics.



projectos curatoriais curatorial projects



PROJETO OUTDOOR

Uólofe Griot
Angola

Local / Location Museu Bienal de Cerveira,
espaço público Vila Nova de Cerveira
Cerveira Biennial Museum, public space,
Vila Nova de Cerveira

Curadoria / Curated by Silvestre Pestana

“LIBOTA”, 2025

Fotografia e intervenção “Doodles” /
Impressão sobre lona / Photography and
“Doodles” intervention / Print on canvas

O Projeto Outdoor, apresenta nesta edição da XXIV Bienal as obras de dois artistas convidados: “*Ordinary day*”, fotografia de Donghoon Ha (Coreia do Sul) e a obra “*Libota*”, fotografia com intervenção Doodles, do artista Uólofe Griot (Angola).

O Projeto Artístico Outdoor, iniciado em 2005 no contexto da XIII Bienal de Cerveira, afirma-se como uma plataforma expositiva que cruza práticas contemporâneas e espaço público. Assente na participação de artistas convidados, o projeto acolhe propostas desenvolvidas através de múltiplos recursos técnicos e linguagens visuais, submetidas em formato digital.

As obras são posteriormente materializadas em impressão e apresentadas em estruturas metálicas concebidas especificamente para o efeito, integrando-se na paisagem urbana de Vila Nova de Cerveira, onde permanecem em exibição durante um período de dois anos. Esta dimensão prolongada de exposição reforça o diálogo entre criação artística, território e comunidade, promovendo um contacto continuado e acessível com a arte contemporânea.

Ao longo de mais de duas décadas de atividade, o Projeto Artístico Outdoor reuniu cerca de 50 artistas de 19 nacionalidades, consolidando um percurso marcado pela diversidade e pela internacionalização. A sua presença regular no contexto da Bienal de Cerveira tem contribuído de forma significativa para o alargamento das dinâmicas participativas e para a afirmação do espaço público como lugar privilegiado de fruição e reflexão estética.

The Outdoor Project presents, in this edition of the XXIV Biennial, works by two invited artists: *Ordinary Day*, a photograph by Donghoon Ha (South Korea), and *Libota*, a photograph with Doodles intervention by the artist Uólofe Griot (Angola).

The Outdoor Artistic Project, initiated in 2005 within the context of the XIII Cerveira Biennial, has established itself as an exhibition platform that intersects contemporary practices and public space. Based on the participation of invited artists, the project welcomes proposals developed through multiple technical resources and visual languages, submitted in digital format.

The works are subsequently materialised through printing and presented on metal structures specifically designed for the purpose, integrating into the urban landscape of Vila Nova de Cerveira, where they remain on display for a period of two years. This extended exhibition period strengthens the dialogue between artistic creation, territory, and community, promoting sustained and accessible contact with contemporary art.

Over more than two decades of activity, the Outdoor Artistic Project has brought together around 50 artists from 19 nationalities, consolidating a trajectory marked by diversity and internationalisation. Its regular presence within the context of the Cerveira Biennial has contributed significantly to the expansion of participatory dynamics and to the affirmation of public space as a privileged site for aesthetic experience and reflection.

PROJETO OUTDOOR

Donghoon Ha
Coreia do Sul

“ORDINARY DAY”, 2025

Fotografia / Impressão sobre lona
Photography / Print on canvas

Local / Location **Museu Bienal de Cerveira,**
espaço público Vila Nova de Cerveira
Cerveira Biennial Museum, public space,
Vila Nova de Cerveira

Curadoria / Curated by **Silvestre Pestana**

